

À gente dessa época, a Arte aparece como um meio especialmente perverso ao qual o diabo recorre para apoderar-se das almas. Por exigir ela do artista que seja um homem de temperamento livre de inibições e entregue à volúpia do sentimento, e, por impressionar a alma com todos os encantos da beleza não constitui para os calvinistas, senão uma ilusão perigosa e criminosa destinada apenas a afastar os homens da devoção, sua única preocupação lícita. Consideram o prazer artístico como a manifestação duma "vontade obstinada e má de abandonar-se ao império pernicioso dos sentidos."

Rejeitam assim a composição de poesias como um pecado infame. Por este motivo, o escritor puritano dedica-se de preferência à composição de "livros de disciplina doméstica" nos quais são expostas tôdas as obrigações imagináveis do homem para com Deus e para com o próximo. Bem poucos espíritos têm, como Milton, a força de criar, dentro daquele ambiente puritano, obras que possuem verdadeira elevação poética a-pesar-de abster-se de todo encanto sensual.

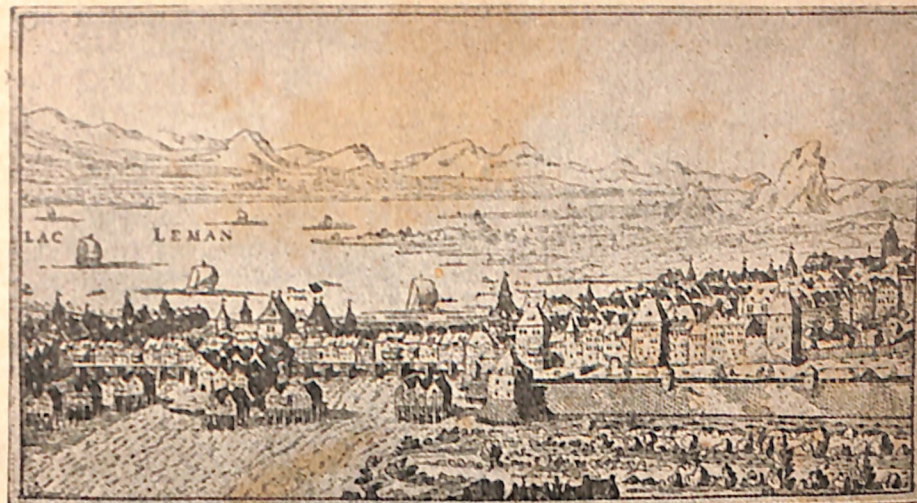
Para o calvinista, a música oferece os mesmos perigos, motivo pelo qual, na Inglaterra, os violinistas vão para o xadrez e por que, na Escócia, os tocadores de cornamusa são perseguidos como encarnações do diabo.

A mesma condenação alcança o teatro, que faz vibrar, até os seus extremos, as paixões humanas, sob todos os seus matizes. Segundo a concepção calvinista, o drama "acorda, excita e irrita os sentidos, em detrimento da razão, os instintos carnis em detrimento dos impulsos espirituais, as sensações de alegria, de tristeza, de desgosto, de volúpia, em prejuízo da calma de nossa força de espírito."

Assim é que por tôda parte onde o calvinismo alcança o poder, os teatros são fechados, sorte à qual também não escapa o teatro de Shakespeare em Stratford-on-Avon. Muitas vezes, acontece que não somente os atores são expulsos a chicotadas, como "velhacos e vagabundos", mas também os espectadores, por sua vez, são punidos severamente.

E o medo dos puritanos ao sensualismo também não pára diante das imagens, "iconofobia" esta, ligada a um movimento que teve consequências devastadoras já no princípio da Reforma.

"Foi uma balbúrdia, uma algazarra estupenda", conta-nos um relato de Sankt-Gall, a respeito da tormenta de iconoclastia que assolou a cidade na terceira década do século XVI! "Foi preciso quarenta carretas para transportar os destroços da igreja e, incontinentemente, prepararam um fogo e queimaram tudo". Erasmo de Rotterdam escreve, de Basileia, a Pirkheimer que lá não escapara obra de arte alguma. "Por cima das pinturas, passaram uma camada de tinta. O que podia ser queimado foi atirado às fogueiras. O resto, quebrado em mil pedaços." O governador de Neuchâtel relata, na mesma época, que lá os amotinados fanáticos laceraram as imagens dos santos, cortando-lhes os narizes



Genebra no tempo de Calvino



Campônios revolucionários da "Liga da Bota" (Bundschuh) aprisionam um fidalgo.